

## Entre a Pesquisa e a Militância na Subárea da Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária

*Between Research and Militance in the Subarea of Popular, Alternative and Community Communication*

· Maria Alice Campagnoli Otre  
Universidade de Marília

DOI: <http://dx.doi.org/10.15304/ricd.2.5.3690>

Fecha de recepción: 30-10-2016

Fecha de aceptación: 03-01-2017

### Resumen

Trata-se de um excerto da tese de doutorado da autora que analisou as dissertações e teses referentes à subárea da comunicação popular, alternativa e comunitária desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação stricto sensu no Brasil, de 1972 a 2012. Neste recorte, que analisa apenas as teses de doutorado da subárea e do período apontados, discute-se o papel do conhecimento científico para a transformação social e o posicionamento do pesquisador – militante ou não – nas teses estudadas. Este artigo se vale de pesquisa bibliográfica, revisão das teses e análise de conteúdo. Com relação à militância dos pesquisadores com a causa da comunicação popular, 60% explicitaram suas contribuições aos movimentos populares, 13% disseram não militar pela causa e 27% não deixaram clara sua posição. Dentre os pesquisadores-ativistas, há um esforço de apresentar as técnicas de coletas de dados de forma a garantir distanciamento entre sua militância e o objeto analisado em suas pesquisas. Há ainda de maneira marcante para a subárea, a visão de que o conhecimento científico deve estar a serviço da transformação social.

### Abstract

This is an excerpt of the doctoral thesis of the author that examined the dissertations and theses regarding the subarea of popular, alternative and community communication developed in the Graduate Programs in stricto sensu Communication in Brazil, from 1972 to 2012. In this survey, which only looks at the doctoral theses of the subarea and appointed period, discusses the role of scientific knowledge for social transformation and the position of the researcher - activist or not - in the studied theses. This article draws on literature, review of theses and content analysis. Regarding the militancy of researchers to the cause of popular communication, 60% made their contributions to popular movements, 13% said no military for the cause and 27% did not clear its position. Among the researchers-activists, there is an effort to present the technical form of data collection to ensure distancing of their militancy and the analyzed object in their research. There are still markedly for the subarea, the view that scientific knowledge must be at the service of social transformation.

### Palabras clave

Conhecimento científico, pesquisadores-ativistas, comunicação popular, teses, 1972 a 2012.

### Keywords

Scientific knowledge, researchers-activists, popular communication, theses, 1972-2012.

---

## Sumario

1. Introdução
2. Visão geral sobre as teses de doutorado
3. A relação entre a ciência e a transformação social
4. Posicionamento dos pesquisadores nas teses
5. Considerações finais
6. Referências

## Contents

1. Introduction
2. Overview of PhD theses
3. The relationship between science and social transformation
4. Researchers' setting about theses
5. Final Thoughts
6. References

## Nota biográfica

**Maria Alice Campagnoli Otre** é Doutora e mestre pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), sob orientação da Profa. Dra. Círcia M. Krohling Peruzzo, com pesquisas enfocando a comunicação popular, alternativa e comunitária. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Marília e graduação em Tecnologia em Produção Publicitária pela Unigran. É professora da Universidade de Marília, atuando no curso de Comunicação Social. É membro do Núcleo de Pesquisa Comuni - Comunicação comunitária e Local, do POSCOM/Umesp, desde 2007. [maliceotre@gmail.com](mailto:maliceotre@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo parte de um recorte da tese de doutorado da autora que analisou as dissertações e teses referentes à subárea da comunicação popular, alternativa e comunitária (CPAC) desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação *stricto sensu* no Brasil, de 1972 a 2012. A proposta aqui é discutir o papel do conhecimento científico para a transformação social e o posicionamento do pesquisador – militante ou não – nas teses estudadas. Este artigo se vale de pesquisa bibliográfica, revisão de literatura das teses e de análise de conteúdo.

Em síntese, a tese que origina este artigo apresentou um mapeamento das pesquisas desenvolvidas sobre comunicação popular, alternativa e comunitária, baseada em um banco de dados fornecido pela Capes, com os títulos das pesquisas desenvolvidas de 1987 a 2012, totalizando 9.787 produções; além de uma complementação de dados diretamente junto aos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, referentes aos trabalhos defendidos antes de 1987, pois o banco de teses da Capes não atendia este recorte temporal.

Utilizou-se a aplicação de quatro filtros para chegar ao universo da pesquisa: 1) busca por palavras-chave; 2) leitura dos títulos e sua adequabilidade à subárea; 3) leitura dos resumos, 4) leitura da introdução, sumário, considerações finais. Ao final de todo este trabalho de seleção dos materiais compusemos nossa amostra com 87 dissertações de mestrado e 15 teses de doutorado, totalizando 102 pesquisas sobre CPAC.

As teses de doutorado, que foram utilizadas como base para este artigo, foram analisadas por meio do texto completo em 100% da amostra, ressalvando-se que uma delas (Paiva, 1997) fora analisada no formato livro, originado da tese, por não estar disponível na biblioteca depositária.

## 2. VISÃO GERAL SOBRE AS TESES DE DOUTORADO

A primeira sensação ao identificarmos 15 teses de doutorado desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação no Brasil, no período que engloba 1972 a 2012 sob o foco da comunicação

popular, alternativa e comunitária, foi a de que a produção científica era pequena demais para a abrangência e importância do tema. O segundo momento, reflexivo, demonstrou que a abrangência aqui não estava sendo de fato considerada, pois, geralmente são incluídos no mesmo leque, os trabalhos sobre imprensa alternativa, comunicação para o desenvolvimento, comunicação e cidadania, mídia-educação, comunicação para a transformação social e nós assumimos um recorte que limita quanto a analisar tamanha diversidade temática ao definir como foco a comunicação popular, alternativa e comunitária. As pesquisas selecionadas representam um pouco de cada subtema elencado, o que não significa que todas as pesquisas referentes a cada subtema estejam aqui representadas.

A quantidade aparentemente baixa de pesquisas também se justifica, pois, o primeiro curso de doutorado surgiu em 1980, na USP (Lopes & Romancini, 2012, p.200-204), havia apenas nove (9) Programas antes dos anos 2000 oferecendo o curso de Doutorado e antes dos anos 1990 apenas três (3). Deve-se considerar também que um doutorando leva geralmente cerca de quatro (4) anos para finalizar sua pesquisa e que esta subárea por nós elencada compete com todas as outras discussões referentes às Ciências da Comunicação.

Apresentando-as, destaco que a primeira tese identificada sobre o tema é defendida em 1988, na Universidade de São Paulo, por Luiz Fernando Santoro, enfocando o vídeo popular. Desta até 1999, registramos seis (6) teses, sendo as outras nove (9) defendidas entre 2000 e 2012.

**Tabela 1- Distribuição das teses por período de tempo e por Instituições de Ensino Superior**

IES	1988 - 1991	1997- 1999	2000- 2005	2006- 2012	Total por IES
USP	3	1	3	0	7
UFRJ	0	2	0	0	2
UMESP	0	0	1	2	3
PUC-RS	0	0	1	0	1
UNISINOS	0	0	1	1	2
<b>Total por período</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>15</b>

Fonte: elaboração própria

Dentre os autores que se dedicaram ao tema em suas pesquisas de doutorado, estão: Luiz Fernando Santoro, Ana Maria Cardoso de Andrade, Cicilia Maria Krohling Peruzzo, Raquel Paiva de Araújo Soares, Dalmer Pacheco de Almeida, Luiz Deganello, Pedro Vicente Costa Sobrinho, Adriana Azevedo Paes de Barros, Louise da Costa Lage, Alvaro Fraga Moreira Benevenuto Junior, Cláudia Lahni, Silas Nogueira, Tomás José Jane, Roberto Joaquim de Oliveira e Daniel Barsi Lopes.

Se considerarmos o eixo principal das pesquisas, temos o seguinte quadro:

**Quadro 1 - Eixo principal das teses desenvolvidas entre 1972-2012**

<b>Eixo principal</b>	Comunicação popular e alternativa	3
	Comunicação popular e comunitária	10
	Comunicação popular, alternativa e comunitária	1
	Jornalismo Popular Alternativo	1
	<b>Total</b>	<b>15</b>

Fonte: Da autora

Dentre as 15 teses analisadas, o foco das pesquisas está sobre a comunicação popular e comunitária, confirmando o interesse dos pesquisadores por entender essa forma de comunicação que se realiza de maneira

dependente do envolvimento grupal - e neste caso subalterno -, e as possibilidades que se abrem de mudança social a partir do empoderamento dos grupos.

Se considerarmos que 12 pesquisas estão situadas após os anos 1997 e que este período fora fortemente marcado por dois momentos importantes para a comunicação comunitária, a institucionalização dos canais comunitários através da Lei Federal nº 8.977, de 6 de janeiro de 1995 - conhecida como Lei do Cabo; e a Lei 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que institui o serviço de radiodifusão comunitária, percebe-se a influência do contexto histórico para a orientação das pesquisas, desde a definição do tema à escolha da terminologia utilizada: comunicação comunitária.

Além disso, provavelmente tenha contribuído para essa maior utilização da expressão "comunitária", os diversos estudos que passaram a ser feitos sobre o conceito de comunidade, a começar pela tese de Raquel Paiva (1997).

Cicilia Peruzzo (2008, p. 368) já havia apontado o deslocamento da utilização do termo quando disse, que "desde o final do século passado passou-se a empregar mais sistematicamente, no Brasil, a expressão comunicação comunitária para designar este mesmo tipo de comunicação [popular], com um sentido menos politizado".

Isto porque no contexto atual, apesar de dizer respeito a comunidades geralmente carentes e com necessidades de voz para conquistarem seus objetivos e melhorarem sua qualidade de vida, o foco está no reconhecimento de seus direitos enquanto cidadãos e nos projetos políticos, sociais e culturais que envolvem a comunidade. Além disso, o surgimento e crescimento das rádios e televisões comunitárias, possibilitados pela tecnologia, inclusive com experiências de inserção digital, fomentaram a utilização do termo comunitário(a) de maneira tão expressiva.

Apesar de utilizarem como pano de fundo, em sua maioria, a comunicação comunitária, a gama de subtemas elencados pelas teses é imensa. Elas versam sobre vídeo popular; sobre os centros populares de documentação e comunicação; sobre televisões e rádios comunitárias; sobre mídias digitais e novas tecnologias de informação e comunicação; sobre correspondentes populares; teorizam sobre participação; comunidade; sobre mídia-educação, sobre a cultura das classes populares

e sobre movimentos sociais. Lado a lado a essas abordagens, há também, em uma pesquisa, a utilização da expressão “comunicação comunitária” apenas pelo viés da regulamentação. Na tese citada não se demonstra potencial transformador dessa mídia, até porque ela é apresentada apenas como instrumento de comunicação e não vem de demandas comunitárias, tampouco propicia o envolvimento de pessoas com interesses comunitários.

Vê-se que a seleção garante uma variedade de abordagens que, se por um lado já demonstra a amplitude da subárea, por outro também demonstra a dificuldade de se avaliar um espectro tão grande de discussões, paralelamente.

No caso deste artigo, deteremo-nos na discussão da relação entre conhecimento científico e transformação social e na análise quanto ao posicionamento do pesquisador enquanto militante (ou não) da comunicação popular.

### 3. A RELAÇÃO ENTRE A CIÊNCIA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A proposta de realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a produção discente de pós-graduação nos faz refletir sobre uma série de questionamentos pautados pelos filósofos, pelos cientistas do conhecimento e também por pesquisadores da comunicação e de outras áreas. Afinal, o material analisado em uma pesquisa é capaz de captar o conhecimento em sua realidade? Quais os critérios ali seguidos para se considerar com fidedignidade as conclusões obtidas? Objetivando problematizar estes preceitos, fazemos aqui algumas observações. Ao encontro de nossos questionamentos, pergunta Triviños (1987, p. 24):

Pode o sujeito captar o objeto em toda sua dimensão, isto é, não só o fenômeno mas também o “noumeno”, “o numeno”, “a coisa em si”? É capaz o homem de desvendar as leis que regem o universo? Nossa consciência tem a capacidade de refletir de maneira adequada a realidade objetiva?

O pesquisador mexicano Jorge González (2007) defende não ser possível que vejamos os objetos e as situações da realidade de forma “pura”, mas por meio de filtros que advêm de nossa linguagem e metalinguagem, num processo de interpretação do real. Segundo ele, “Não podemos observar sem interpretar ao

mesmo tempo. A realidade “real”, sempre que percebida por um ser humano, nunca será “crua”, pelo contrário, sempre estará interpretada” (González, 2007, p. 38, tradução nossa).

Para o autor, esses filtros são permeados pela doxa, pano de fundo que enviesava nosso olhar, segundo uma naturalidade imposta socialmente.

A doxa não é fixa. Como a moral, varia conforme o tempo e o lugar. Forma-se das relações entre os agentes sociais e deles com o mundo, “desde o ponto de vista do sentido”, como destaca González (2007, p. 42). Para o autor, as crises são ápices para que a doxa seja transformada.

Vale questionarmos ainda se a realidade pode ser considerada objeto estático, esperando para ser pesquisado de forma a não relacionar-se com o pesquisador. Em seu texto, González (2007, p. 44) chama a atenção para o perfil estruturante da realidade. Segundo ele, a realidade é tanto estruturável quanto estruturante, já que na interação com o homem ela também deixa registros.

A partir de um ponto de vista epistemológico, podemos afirmar com toda clareza que a realidade não está estruturada, é estruturável; não está ordenada, é ordenável, mas não de qualquer forma, pois não se deixa estruturar de qualquer modo. A “realidade” é teimosa, obstinada, rebelde; tem suas próprias determinações. Devido a elas, “a realidade” não é somente estruturável, mas estruturante. Nos faz coisas, nos marca, nos coloniza, nos delimita e, a seu modo, nos força a interagir com e dentro de suas condições. O conhecer depende da estrutura de quem conhece, não dos conteúdos (González, 2007, p. 44, tradução nossa).

Trazendo Piaget, o autor descarta as visões totalmente empiristas, em que a realidade é real e capturada por meio de experiências sensoriais; assim como descarta as visões apriorísticas, baseadas na razão e que ignoram as evidências empíricas. Para ele,

a realidade nem é inventada assim do nada, nem surge da própria experiência sensorial: os objetos que conhecemos se constroem permanentemente, ao modificar os esquemas de organização dos elementos a conhecer, nos quais uma parte muda, uma parte permanece e uma parte é inédita (González, 2007, p. 50, tradução nossa).

Já Marconi e Lakatos (2002, p. 20) ao apresentarem os tipos de conhecimento, caracterizam o conhecimento científico como

contingente, sistemático, verificável, e ainda, “aproximadamente exato” e “falível”. Essas duas últimas esferas não podem ser perdidas de vista, já que se busca sim a exatidão e a objetividade, porém muitos fatores podem influenciar neste processo, sendo elas próprias – a exatidão e a objetividade - limitadas e questionáveis.

Conforme aponta Richard Romancini (2006, p. 27),

a autonomia da ciência é sempre relativa e o ideal de uma pura atividade “desinteressada” de obtenção de conhecimento e verdade é, sobretudo, uma representação, um “tipo ideal”, no sentido weberiano. Mesmo que esse “tipo” seja almejado por muitos, sua plena concretização é improvável tanto pela historicidade que marca a produção da ciência, quanto pelo caráter social que esta atividade comparte com outras realizações humanas.

Nas leituras sobre o conhecimento científico, chamou-nos também a atenção a abordagem de alguns autores que discutem o papel social da própria pesquisa.

Ao caracterizar a pesquisa moderna, Urbano Zilles (2008) faz críticas aos objetivos dos pesquisadores. Em seu texto, o autor coloca o egoísmo e o individualismo como próprios da modernidade, em um processo que se alimenta do automatismo e interesses escusos, ignorando o contexto em que se inserem as pesquisas. Assim diz:

A pesquisa moderna explora o mundo baseada em sua ilimitada divisão do trabalho. Tornou-se uma empresa que se desenvolve de maneira automática e autônoma, sem necessidade de indagar pelo contexto no qual estão inseridos os projetos particulares. É um operar técnico-científico interessado na eficiência de tarefas de fabricação, na produção, melhorada pela divisão do trabalho (Zilles, 2008, p. 142).

Também são marcantes as afirmações feitas por Gusdorf, no prefácio do livro de Hilton Japiassú (1976), em que analisa a ineficiência da pesquisa no que diz respeito à redução dos problemas mais comuns, aparentes e urgentes da humanidade, como a fome, por exemplo; em um tempo marcado pela proliferação de experts. “Os verdadeiros problemas de nosso tempo escapam à competência dos experts, porque os experts, via de regra, são testemunhas do nada”. (Gusdorf, 1976, p. 8-9).

O autor chega a comparar o aumento vertiginoso de especialistas em todas as esferas, a um câncer – uma proliferação de células vivas; criticando nitidamente os

processos de especialização do conhecimento científico, em oposição a uma interdisciplinaridade verdadeira que se aproximasse da realidade social.

De todas as formas de conhecer, Jorge González critica justamente o dito conhecimento científico, talvez pela aura da qual se vista o cientista, que se sente produtor de um saber inquestionável. Assim diz:

No entanto, de toda a pluralidade das doxas regionais ou especializadas, como as artísticas, as religiosas, as econômicas, as médicas, as educativas, a Doxa mais soberba e cega talvez seja justamente a Doxa científica, quando renuncia ao próprio ofício de inteligibilidade e crítica permanente das pré-noções que lhe conferem seu ofício de inteligibilidade racional, e ao assim fazê-lo, se converte em dogma, em verdade única, em lei inexorável que converte os cientistas em “experts” (González, 2007, p. 43, tradução nossa).

Ao cunhar o termo cibercultur@, escrito assim, com @, o autor descreve um processo de desenvolvimento do conhecimento científico em que informação, conhecimento e comunicação caminham juntos, com o objetivo de transformar a realidade. Para González (2007, p. 65-68), os problemas práticos devem ser transformados em problemas de pesquisa, contribuindo para a solução dos problemas sociais. Sem este fim, a pesquisa não teria porque existir.

O conceito utilizado pelo autor, com @, distancia-se do uso comum da palavra cibercultura, ou seja, aquele relacionado ao ciberespaço. Segundo Peruzzo (2014, p.2), a cibercultur@

[...] está interessada em entender a geração de conhecimento e a constituir formas de organização social em comunidades que possam favorecer processos de mudança social. No fundo, se desenvolve a ideia de empoderamento; a constituição de processos de autodeterminação e a instituição de condições para as comunidades se apropriarem coletivamente da informação, gerarem conhecimento e se tornarem capazes de se comunicar entre si e com a sociedade.

Segundo o autor (González apud Peruzzo, 2014, p. 2), seria possível por meio da pesquisa e da criação de nós interconectados em redes, desenvolver uma cultura da informação, do conhecimento e da comunicação, que culminasse na mudança social.

Georges Gusdorf é também enfático ao dizer que a ciência de nada serve se não tiver o objetivo de pensar a existência do homem

contribuindo para uma vida mais harmônica. Segundo ele (Gusdorf, 1976, p.16),

As disciplinas científicas, cada vez mais distanciadas da existência concreta, constituíram-se como linguagens herméticas, reservadas aos iniciados, e que parecem absorver-se, ou perder-se, no niilismo de suas abstrações bem comportadas. A verdade que elas procuram, e que por vezes encontram, é uma verdade em si e para si, que nada mais diz a ninguém ou, pelo menos, que renunciou a assumir a função primordial da vinculação do homem com o mundo onde ele reside.

Jorge González (2007, p. 87, tradução nossa) compartilha do mesmo pensamento quando fala sobre transformar a realidade em objeto de conhecimento comunicável. “Descobrir a vacina contra a AIDS (HIV) não põe fim à epidemia nem à mortalidade espantosa, lamentável e solucionável em alguns países africanos”, seria necessário aplicar os resultados obtidos por meio da ciência.

Segundo ele, à ciência caberia o papel de produzir formas de enfrentar as fragilidades/crueldades humanas; de tal maneira que por meio deste conhecimento fôssemos capazes de nos empoderarmos racionalmente e de oferecermos mais qualidade de vida para todos. E completa:

Ao fazer isto com toda militância e disciplina, contribuimos para a libertação de vastas áreas de territórios simbolicamente ocupados por “explicações” que muitas vezes são apenas justificativas e por descrições de processos da vida e do mundo que são na realidade prescrições (González, 2007, p. 87, tradução nossa).

Também Minayo (2002, p. 17) destaca a importância da vinculação entre pesquisa e prática, para a construção da realidade.

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

Ao caracterizar a Ciência, Rabuske (1987, p.16) nos dá pistas da existência de uma ciência que incorpore a crítica e a denúncia, ao destacar que ela evoluiu tanto na investigação dos objetos quanto na tomada de consciência dos procedimentos subjetivos, e ressalva:

É insuficiente a caracterização da Ciência, que ocorre em certos livros de Filosofia: que a Ciência é objetivante, voltada inteiramente ao objeto, sem

reflexão, sem consciência crítica; que é privilégio da Filosofia ser reflexiva e crítica. Em lugar desta oposição simplista, deve-se colocar uma graduação. A Filosofia é mais crítica, pelo menos tem a missão de ser mais crítica. Também as Ciências, na medida do seu desenvolvimento, se tornam reflexivas e críticas (Rabuske, 1987, p.16).

Neste contexto, parece ser característica das pesquisas sobre comunicação popular, alternativa e comunitária trazerem marcas crítico-reflexivas e o interesse de transformarem a realidade vivida. É a ciência que verifica, analisa, sistematiza, mas também denuncia.

#### 4. POSICIONAMENTO DOS PESQUISADORES NAS TESES

Chamou-nos atenção, a partir de uma observação assistemática durante a Análise de Conteúdo das 102 pesquisas (entre dissertações e teses) mapeadas na tese, o quanto durante as introduções muitos pesquisadores falavam sobre suas relações com os movimentos sociais, populares, sindicais, demonstrando a proximidade com o tema e justificando sua escolha. Seria a pesquisa outra forma de militância?

Ao escrever texto intitulado “Repensando a ciência participativa na pesquisa em comunicação”, Denise Cogo (2007) já falava sobre como a própria concepção teórica da comunicação popular interferia no fazer ciência:

Se, portanto, essa comunicação de base ou popular propunha um processo de interação comunicacional baseado na ruptura dos papéis tradicionais de produtor e receptor dos meios de comunicação para a instauração de processos comunicacionais mais horizontais, dialógicos e críticos que favorecessem a reciprocidade e a relativização de assimetrias e desigualdades nos processos de apropriação e uso dos meios de comunicação na sociedade, a restituição dessa reciprocidade não poderia ser esquecida quando da transformação dessa comunicação popular em objeto de pesquisa no campo da comunicação (Cogo, 2007, p. 153).

Faz parte de sua discussão também a utilização da pesquisa-ação e da pesquisa participante como método de pesquisa sobre comunicação popular, porém, segundo Michel Thiollent (apud Cogo, 2007, p. 154) “[a pesquisa-ação] é uma proposta independente de qualquer objetivo popular [...] e pode ser compatível com o positivismo e o empiricismo”, inclusive. Cogo (2007, p. 154-155) aponta, porém que o método é “insistentemente colocado na fronteira com a militância” e exige uma posição

diferenciada por parte dos pesquisadores que a utilizam, para que não caiam “nos riscos de conversão da ciência em um instrumento de ação militante ou comprometida”.

Nas teses, os autores esforçam-se por apresentar pontualmente suas relações com a comunicação popular, reforçando a utilização de protocolos de pesquisa e outras técnicas que contribuam para um distanciamento durante as análises.

A exemplo de Cláudia Lahni (2005, p. 35) que realiza uma pesquisa participante e esclarece:

Neste trabalho, se a escolha do objeto e o envolvimento da autora foram marcados pela subjetividade, as atividades de pesquisa foram norteadas pela busca de objetividade na coleta e exame criterioso de diferentes materiais, bem como na delimitação teórica, constitutiva de critérios analíticos.

Dentre os autores analisados, 60% explicitaram durante a tese seus envolvimento ou contribuições aos movimentos populares e/ou sociais, como comunicadores, professores ou oferecendo capacitação e assessoria às classes populares. O fato de 27% deles não o terem feito, não significa, porém que não tenham aproximação com a área fora da academia, pois podem apenas não ter deixado clara sua posição, já que não há uma exigência quanto a isso. Dois pesquisadores (13%) foram taxativos em dizer que não tinham proximidade anteriormente com a comunicação popular, alternativa e comunitária e com as classes populares, Andrade (1989, p. 57) que afirmou que foi a partir da escolha do tema que passava a estabelecer um compromisso com as classes subalternas e Barsi Lopes (2012) que atribuiu a sua não-participação em projetos de cunho popular como importante para o desenvolvimento do papel de pesquisador, retomando a discussão sobre as interferências da militância na pesquisa. Assim explicou:

Vendo a relação pesquisador x objeto por outro viés, acredito que possa ser bastante proveitosa a construção de uma investigação que dê conta de analisar os movimentos juvenis e seus imbricamentos com as mídias e com as culturas a partir de um olhar distanciado de quem desenvolve a pesquisa. [...] A visão, por vezes viciada, de quem está dentro da problemática de pesquisa acaba não conseguindo revelar as entrelinhas do que se procura investigar, o que pode ocasionar uma limitação aos interesses da investigação (Barsi Lopes, 2012, p. 206)

Como um contraponto a esta visão do autor, sentimos na tese de Deganello (1999), intitulada “Condições e procedimentos para a

implantação de uma televisão comunitária e a indicação de subsídios para elaboração da programação visando colaborar na solução de problemas comunitários”, que uma maior aproximação com o tema e com experiências de comunicação popular e comunitária poderiam ter contribuído para uma visão mais abrangente sobre o tema.

Em sua pesquisa ele simula, utilizando como exemplo a cidade de Barueri, a implantação de uma TV Comunitária; indicando de maneira instrucional, o passo a passo para se implantar a TV Comunitária e dando subsídios para a elaboração da grade de programação.

Fica a impressão de que o autor pretendia com este material ser um suporte para comunidades/entidades interessadas em montar uma TV Comunitária; dado o grau didático do texto, com fotos e explicações do tipo “como utilizar a lauda”.

Parece-nos, porém que, se o pesquisador tivesse maior proximidade com o tema ou analisasse uma experiência real ao invés de simular condições para a implantação, ele perceberia outros vieses que perpassam a mídia comunitária e não dizem respeito apenas à estética ou a qualidade técnica da programação; tampouco a participação rasa apresentada.

Metodologicamente, as explicitações e defesas de pontos de vista favoráveis ou contrários ao envolvimento do sujeito com o objeto refletiram em 6 (seis) pesquisas que se utilizam da observação participante e 1 (uma) da pesquisa-ação, cerca de 47% do total.

Segundo Cogo (2007, p. 158) as pesquisas participativas no campo da comunicação popular mais do que a proposta antropológica de “conhecer para explicar”, valem-se do legado sociológico de “compreender para servir”.

Isso parece estar claro na tese de Adriana Paes de Barros (2002, p.8), quando diz que buscou na pesquisa uma postura crítica sem abandonar a crença e o compromisso de que “ser cientista é estar compromissado com alguma coisa que afeta a humanidade hoje ou no futuro”. (BORDA apud BARROS, 2002, p. 8).

Também aparece na pesquisa de Benevenuto Jr. (2005), que diz:

Ao viver esta parte da recente história brasileira, enriquecida com a militância nos movimentos estudantil, sindical e político, o pesquisador percebeu que a ação solidária não se completaria com o fato de ser, apenas, um participante da luta pela construção de uma sociedade de direito, livre



e justa. Estas experiências precisavam resultar num registro, metodológico e crítico, que incentivasse a reflexão sobre os caminhos possíveis para alcançar os objetivos da solidariedade, do desenvolvimento sustentável e da justiça social. (Benevenuto JR, 2005, p. 41-42).

Segundo Cogo (2007, p. 160), a introdução dos estudos culturais nos cursos de pós-graduação, por meio de autores como Jesús Martín-Barbero, Nestor García Canclini e Maria Cristina Mata, restaurou o debate acerca do compromisso social e da ciência.

A autora aponta ainda a expansão da pós-graduação em comunicação no Brasil, a constituição de uma comunidade acadêmica nacional a partir da Intercom, aliada ao início da abertura política como

insumos que concorrem igualmente para mobilizar a comunidade acadêmica em torno das modalidades de ciência participativa e as especificidades de sua apropriação para o campo da comunicação, não apenas como método mas como princípio epistemológico ou alternativa a uma demanda por politizar a pesquisa em comunicação desenvolvida no âmbito dos cursos de pós-graduação (Cogo, 2007, p. 161).

No geral, os pesquisadores não prometem uma postura de neutralidade científica, pois, como já característico das Ciências Sociais e também da Comunicação, entendem a ciência a partir de valores construídos histórica e socialmente e reconhecem a interferência do pesquisador na seleção do tema, nas abordagens, nas definições teóricas etc. Em algumas teses citam a afirmação de Paulo Freire no livro "Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos" de que toda a neutralidade proclamada é sempre uma opção escondida.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliográfica empreendida e da análise das teses que marcam a subárea da comunicação popular, alternativa e comunitária, identificamos uma relação muito forte entre o pesquisador e a própria seleção do objeto que entende a ciência como um pensar sistemático a serviço da realidade e da transformação social.

Particularmente, me pareceu que o mínimo de envolvimento com a subárea e com a prática da comunicação popular é necessário para entender a lógica de apropriação da comunicação pelas classes subalternas ou ainda a motivação pela qual se propõe uma outorga de comunicação comunitária, por

exemplo. Corre-se o risco, como aconteceu em uma das teses analisadas, que, ao estar totalmente distante dessa vivência, o pesquisador olhe para estes objetos como olha para uma comunicação massiva com objetivos de lucro e assim, trace comparativos equivocados, apontando uma estética defasada, uma audiência muito baixa e pouco lucrativa, conteúdos que fogem às tendências atuais e formatos comunicacionais com muitos equívocos, comparados ao que se tem como padrão nestes meios a serviço do mercado.

É tênue, porém, a linha entre a objetividade e a subjetividade do autor, e bem dito por González (2007, p. 38), impossível interpretar de maneira neutra. Chega a ser um paradoxo. Percebe-se, todavia, que os autores que se afirmaram como engajados junto a experiências de comunicação popular fizeram questão de deixar clara uma posição de distanciamento do objeto ao demarcar a utilização de técnicas e formas de coleta de dados que privilegiem a objetividade e um exame criterioso dos dados.

## 6. REFERÊNCIAS

- Almeida, D. (1999). *Conversão de classe ou popular travestido? A comunicação das/nas Culturas populares: a comunidade de São Pedro*. 238 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Andrade, A. M. C. (1989). *Um novo texto no contexto da informação popular: os centros de documentação e comunicação*. 202 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Barros, A. A. (2002). *O projeto Rádio-escola: a rádio comunitária irradiando cidadania*. 231 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- Barsi Lopes, D. (2012). *Juventude e cidadania: uso as mídias digitais na ONG Aléia, em Fortaleza, e no projeto KDM, em Barcelona*. 499 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Benevenuto JR, A. F. M. (2005). *De Canal Comunitário a POA TV: estratégias e políticas da comunidade na TV a cabo em Porto Alegre*. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Cogo, D. M. (2007). Repensando a ciência participativa na pesquisa em comunicação. Em Paiva, R. (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad. p.149-166.

- Costa Sobrinho, V.(2000). *Meios alternativos de comunicação e movimentos sociais na Amazônia ocidental*: (ACRE: 197181). 227 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Deganello, L. (1999). *Condições e procedimentos para a implantação de uma televisão comunitária e a indicação de subsídios para elaboração da programação visando colaborar na solução de problemas comunitários*.163 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- González, J. A. (coord.) (2007). *Cibercultur@ e iniciación en la investigación*. Ciudad de México: CNCA/IMC/UNAM-CEICH.
- Gusdorf, G. Prefácio. In: Japiassu, H (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago. p. 7-27.
- Jane, T. J. (2006). *Comunicação para o desenvolvimento: o papel das rádios comunitárias na educação para o desenvolvimento local em Moçambique*. 195 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- Japiassu, H. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lage, L. C. (2005). *Comunicação Comunitária: o uso das novas tecnologias de informação e comunicação como forma de parte*. 618 f. . Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lahni, C. (2005). *Possibilidades de cidadania associadas à Radio comunitária Juizforana Mega FM*. 293 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Marconi, M. A & Lakatos, E. M.(2002). *Metodologia Científica*. 5ed. São Paulo: Cortez. p 15-43.
- Minayo, M. C. (2002). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Nogueira, S. (2005). *Movimentos sociais: cultura, comunicação e participação política*. 282 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, R. J.(2008). *Comunicação e cidadania às margens do São Francisco: os correspondentes populares da Diocese de Juazeiro- Ba (1988-2008)*. 162 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- Paiva, R. (1998). *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes.
- Peruzzo, C. M. K. (1991). *A participação na comunicação popular*. 1991. 234 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Peruzzo, C. M. K. (2014). *Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social*. Em Monteiro Neto, Aristides. *Sociedade, política e desenvolvimento - Desenvolvimento nas Ciências Sociais: o Estado das Artes ; Livro 2 -*. Brasília: Ipea. 161-195.
- Rabuske, E. (1987). *Epistemologia das ciências humanas*. Caxias do Sul: EDUCS.
- Santoro, L. F. (1988). *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. 306 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Zilles, U. (2008). *Teoria do conhecimento e teoria da ciência*. 2ed. São Paulo: Paulus.